

## A era do descompasso

Jerônimo Teixeira

6 de julho de 2020



O escritor Cristovao Tezza (Foto: Guilherme Pupo)

A política é o assunto quase exclusivo entre os professores do curso pré-vestibular em que Cândido Lorpak ensina química – como seria, aliás, na maioria das rodas de conversa do Brasil em 2019. O próprio Cândido, porém, se mantém à parte das discussões sobre o primeiro ano do governo [Bolsonaro](#). “Eu não tenho vida intelectual; eu só tenho vida afetiva”, define-se Cândido, nas páginas finais de *A tensão superficial do tempo* (todavia, 2020). A tal vida afetiva é assombrada por uma permanente carência, que terá desdobramentos autodestrutivos quando Cândido é abandonado por Antônia, mulher casada com quem teve um caso breve mas intenso (ou, pelo menos, que *ele* considerou intenso). Tal como os protagonistas de dois romances anteriores de Cristovão Tezza, *O professor* (Record, 2014) e *A tirania do amor* (todavia, 2018), Cândido, homem inteligente mas assombrado por inadequações sociais e existenciais, vê-se obrigado a resolver as mais profundas frustrações amorosas em meio às pressões da tumultuada realidade política brasileira – e Beatriz, a protagonista feminina de *A tradutora* (Record, 2016), reaparece aqui em papel secundário.



Catarinense desde a infância radicado na capital paranaense, Tezza encontrou em Curitiba o principal cenário para sua obra ficcional, uma das mais consistentes da literatura brasileira contemporânea. No novo romance, o autor tira excelente proveito da circunstância de sua cidade ser a sede original da operação *Lava Jato*. Antônia, a fugaz amante de Cândido, é casada com Dario, um procurador federal que é convidado para compor, em Brasília, a equipe do novo ministro da Justiça (o nome do hoje ex-juiz e ex-ministro *Sergio Moro* não é citado). Dario hesita em aceitar a empreitada: tem grandes reservas em relação aos colegas que se empenham no combate à corrupção com espírito missionário, e considera o presidente um “débil mental”. O procurador entra na narrativa com o copo de uísque Jura na mão, e sai de cena completamente bêbado. É um homem patético, mas um personagem forte, representante exemplar de tantas respeitáveis figuras públicas que, entre o oportunismo e a covardia, embarcaram no descalabro bolsonarista. Dario afinal aceitará o cargo no governo, e o leitor atento às nervosas idas e voltas da narrativa já sabe disso quando ele aparece na história colocando três pedras de gelo no uísque (beber single malt com gelo, aliás, já é indicador de grave falha de caráter): pouco mais de quinze páginas antes, antecipava-se que Antônia deixaria o amante e iria para Brasília – acompanhando o marido, depreende-se.

Em uma ironia malandra, Cândido só ganha entrada no círculo social do procurador por causa de uma pequena ilegalidade: hábil pirata da internet, ele fornece filmes para sua aluna Líria, filha de Dario. Para fazer um agrado à madrasta, que gosta de “filmes antigos”, Líria pede ao professor de química que baixe *Elevador para o cadafalso*, de Louis Malle. Antônia, claro, encomendará mais filmes, já sem a intermediação da enteada, e então começa o caso entre ela e Cândido. O primeiro encontro dos amantes se dá na noite em que o marido embriagado desanca o governo para o qual irá trabalhar. Nessa ocasião, reúnem-se no amplo apartamento do procurador amigos de Líria, quase todos filhos de figurões do judiciário, e muitos deles entusiastas do governo. A reunião é uma peça acurada de observação social, com alguns dos melhores diálogos do romance. “Um vagabundo entra na tua casa, estupra a tua mulher, mata a tua filha, e você faz o quê? Chama os direitos humanos? Você tem mais é que descarregar o trinta e oito na cabeça desse filho da puta”, diz um rapaz. “Meu Deus, que horror!”, reage uma jovem carola, e Cândido não consegue decifrar se ela se horroriza com o estupro ou com a vingança armada.

O professor de química só se converteu em ás da pirataria digital para atender à compulsão cinéfila de sua mãe, Lurdes, reclusa octagenária cujo único prazer na vida são os filmes. Os palpites críticos ao mesmo tempo sensíveis e simplórios de dona Lurdes, as inflamadas discussões entre um desencantado professor veterano e sua colega bolsonarista, as divagações dos amantes na cama do motel, as notas técnicas de Cândido sobre a sincronização de som, imagem e legenda em filmes pirateados – Tezza conjuga esses elementos heterogêneos com impecável habilidade narrativa, alternando dinamicamente diferentes perspectivas e planos temporais. No entanto, a articulação entre o drama pessoal do protagonista e o cenário histórico em que ele está imerso, muito bem construída em romances anteriores, aqui se revela frágil. Tão ingênuo quanto o personagem de Voltaire de quem herda o nome, Cândido, como um inseto sobre a água, não consegue romper a tensão superficial que o aliena de seu próprio tempo (daí o título do romance). Por contraste, Heliseu, de *O professor*, era um homem em permanente choque com o sua época – o que tornava sua figura áspera estranhamente mais cativante do que o dócil Cândido. Ainda que o professor de química também tenha seu lado sombrio, permanece um descompasso estrutural entre herói tão delicado e tempo tão violento. Talvez por isso se encontre, nas frases finais de *A tensão superficial do tempo*, um tênue aceno de esperança para o personagem – mas não para o seu país.

### **A tensão superficial do tempo**

Cristovão Tezza

Todavia

272 páginas – R\$ 51,92

**Jerônimo Teixeira** é jornalista e escritor, autor de *Os dias da crise* (Companhia das Letras, 2019)